

Livros para os Países em Desenvolvimento

Decio de Abreu

Presidente do Conselho Técnico de
Atividades Correlatas do Sindicato Nacional dos
Editores de Livros

RESUMO

A política editorial de livros em países em desenvolvimento tem sido objeto de vários estudos, especialmente dos apresentados ao Congresso Internacional de Editores, em Washington. O fornecimento adequado de livros aos países em desenvolvimento se defronta com problemas de : falta de moedas firmes e/ou fraqueza da moeda local; equilíbrio de fornecimento entre os livros produzidos localmente e os importados; demora desnecessária devido a problemas de transporte. Análise de cada um desses problemas focalizando livros pelo correio, fretes marítimo e aéreo. Sugestões para solucionar alguns problemas.

Livros e países em desenvolvimento tem sido objeto de vários estudos, especialmente aqueles apresentados ao Congresso Internacional dos Editores, em Washington. Por isto estou me limitando a alguns pontos sobre o transporte e a sua relação com a produção local.

O fornecimento adequado de livros aos países em desenvolvimento se defronta com os seguintes problemas :

- falta de moedas firmes e/ou fraqueza da moeda local;
- equilíbrio de fornecimento entre os livros produzidos localmente e os importados;
- escassez de tempo devido a problemas de transporte.

Analisemos sucintamente cada um desses problemas:

A maioria dos países em desenvolvimento depende muito da ajuda estrangeira para as suas necessidades básicas de educação; quando a sua moeda não é livremente conversível, severas restrições de importação devem ser impostas além das dificuldades com que se defrontam os importadores para

liquidar contas aprovadas pelos governos locais. Direitos autorais e outros serviços prestados podem ser e são, em alguns casos, pagos em moedas não-conversíveis.

Entretanto, a importação de livros acabados, papel de impressão e equipamento requerem acordos especiais que forcem, muitas vezes, os importadores a fazerem negócios com fontes diversas daquelas das quais eles gostariam de comprar.

A experiência brasileira na década de cinquenta e no começo da de sessenta foi, de muitos modos, representativa :

O papel tinha que ser importado através de transações de compensação por um custo muito mais alto e muitas vezes era de uma qualidade muito inferior; o equipamento tinha que ser adquirido de acordo com linhas de crédito disponíveis, e muitas vezes sem complementar devidamente o equipamento existente.

Graças a Deus, poucas restrições foram impostas à importação de livros acabados, e os importadores de livros tinham o direito de livre escolha dos livros de que o mercado necessitava. Entretanto, longas demoras de pagamento, em alguns casos de mais de um ano, tornavam a vida desagradável tanto para os importadores como os exportadores. Eu gostaria de sugerir uma recomendação à UIE no sentido da criação de uma linha de crédito especial oferecida pelos países exportadores, a qual concederia aos países em desenvolvimento um programa total: Os países em desenvolvimento receberiam de uma ou mais fontes um crédito que poderia ser usado para a compra de livros, papel e equipamento das fontes mais eficientes, de acordo com um plano de cinco ou dez anos.

Em alguns casos especiais, estes acordos poderiam ter em contrapartida contratos de exportação, a

Trabalho apresentado ao 19. Congresso Internacional de Editores, Paris, maio de 1972.

longo prazo, de matérias primas correlatas, tais como madeira ou mesmo polpa. Isto tornaria os países em desenvolvimento eventualmente independentes para a maioria de suas necessidades de papel e lhes daria uma base sólida para desenvolver a sua própria produção daqueles livros que nunca deveriam ser importados, isto é, manuais básicos e literatura geral, assim como materiais escolares. A longa distância que separa a maioria dos países em desenvolvimento da Europa e dos Estados Unidos, agrava os problemas supra mencionados como se segue :

- a) Os custos de transporte são mais altos;
- b) mais e mais os navios rápidos estão sendo retirados e as entregas pontuais estão se tornando menos íreqüentes;
- c) como a maioria dos países agora gostariam que os seus manuais fossem adaptados à suas necessidades locais, os problemas editoriais tornam, muitas vezes, impossível produzir livros inteiramente adequados num país estrangeiro;
- d) a questão do orgulho nacional também faz parte — os povos dos países em desenvolvimento gostariam de ver pelo menos uma parte de suas necessidades satisfeitas por fontes e autores locais.

O transporte de livros acabados ou folhas impressas, por isto, está se tornando, paradoxalmente, um fator muito importante na decisão de se alguns livros devem ser impressos localmente ou no estrangeiro. Infelizmente, o frete aéreo permanecerá caro demais no futuro previsível para permitir um grande uso de transporte rápido.

Para livros de nível universitário, entretanto, o frete aéreo será absolutamente necessário muito em breve, pois as universidades estão expandindo as suas matrículas nos países em desenvolvimento. Ter os livros certos nas quantidades certas, no momento certo e no lugar certo, é um problema logístico que não pode ser resolvido por vagarosos navios de carga. Diversas linhas aéreas internacionais estão estudando, agora, a possibilidade de oferecer uma taxa especial de frete aéreo para livros; de outro lado, alguns países já estão subvenzionando o frete aéreo para a sua exportação de livros. Esperamos que ambas as soluções sejam consideradas seriamente pelos países desenvolvidos e em desenvolvimento para ajudar a expandir o uso vasto de livros.

É fácil deduzir do acima exposto que, em futuro próximo, mudanças substanciais serão efetuadas no comércio internacional do livro. O fluxo internacional de livros se tornará muito mais complexo : em vez de ter um título fornecido por uma só fonte, ao importador serão oferecidas algumas alternativas provenientes de acordos de cessão feitos

pelo editor original com editores em países distantes. As edições internacionais para estudantes (iniciadas pela McGraw-Hill há uns dez anos) são um bom exemplo desta nova tendência; nós, no Brasil, estamos usando muitos manuais universitários impressos na Índia, e esperamos ver, num futuro não muito distante, livros impressos ou publicados no Brasil sendo usado em outros países. O desenvolvimento deste comércio entre os países em desenvolvimento, devido ao longo prazo requerido, precisa de um tipo de planejamento e financiamento que é muito mais complexo que a simples exportação de matérias primas ou outros produtos industriais.

Cremos que a UNESCO e outras agências internacionais poderiam ajudar a desenvolver este comércio através de programas de assistência mútua dos países em desenvolvimento.

Outro fator que se deve levar em conta é a necessidade dos países em desenvolvimento ter os seus livros didáticos escritos por autores locais e editados e impressos de acordo com o padrão de qualidade aceitável. Alguns passos concretos devem ser tomados para tornar mais eficiente o embarque de livros de países desenvolvidos para os países em desenvolvimento. Um estudo deve ser feito cobrindo melhoramentos possíveis nas seguintes áreas :

1 - LIVROS PELO CORREIO

- 1.1 Um estudo e difusão adequada das taxas mais econômicas para livros. Por mais incrível que possa parecer, alguns editores deixam de usar a taxa mais favorável aplicável aos seus países com o resultado de que os custos para o importador são desnecessariamente inflacionados.
- 1.2 Descobrir quais os tamanhos dos volumes que seriam ideais para exportação. Por exemplo, os Correios dos Estados Unidos aceitam volumes de 10 quilos para a América Latina, um tamanho que não é usado por muitos editores.
- 1.3 Conhecimento dos regulamentos alfandegários de cada país importador, para que os embarques possam ser efetuados sob as condições mais favoráveis. No Brasil os livros entram no país livre de impostos; entretanto os livros importados por "colis postaux" estão sujeitos a uma taxa de serviço da qual está isento o envio por correio simples.

2 - FRETE MARÍTIMO

- 2.1 Rotas, portos de embarque e desembarque que se adaptariam melhor a cada remessa particular. Os embarcadores, por razões que vão além da minha compreensão, de vez

LIVROS PARA OS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

- em quando escolhem as rotas mais incríveis para os seus embarques, com custos elevados e demoras conseqüentes.
- 2.2 Taxas, custo de seguros e outros fatores que poderiam ajudar a escolher o modo mais econômico de embarque.
 - 2.3 Outros fatores tais como o uso de "containers", consolidação de embarques etc., que ajudariam a acelerar os embarques e/ou reduzir os custos.
- ### 3 - FRETE AÉREO
- 3.1 Uso potencial do frete aéreo projetado nos próximos dez anos calculando uma redução progressiva de taxas.
 - 3.2 Um levantamento de todas as grandes companhias aéreas internacionais relativo ao seu interesse em reduzir as taxas.
 - 3.3 Um estudo de governos, dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, sobre o seu interesse em forçar as suas linhas aéreas a reduzir as taxas ou subvencionar parte dos custos do frete aéreo.

Sugestão final: um certo número de pessoas experientes, representando tanto os exportadores como os importadores, poderia reunir-se em Frankfurt, este ano, e elaborar uma série de recomendações específicas para as suas próprias associações de editores e vendedores de livros.

ABSTRACT

The book publishing policy in developing countries has been the subject of several studies mainly of those presented at the International Congress of Editors, in Washington. Some problems of book supply faced by these countries are the following : lack of currency stability and/or devaluation of local currency; balance supply between the locally produced book and the imported ones; unnecessary delays due to transportation problems. Analyses of each of these problems focusing air and sea freights. Suggestions to solve some problems.

(Recebido para publicação em julho de 1972)